

AS EXPERIMENTAÇÕES AUDIOVISUAIS NO *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*

AUDIOVISUAL EXPERIMENTS IN *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*

ENTREVISTA | INTERVIEW

Marcionila TEIXEIRA | *Diário de Pernambuco* | Brasil

Entrevista concedida a Gil Aciolly Dantas JACINTO¹, mestre em Jornalismo pela UFPB, pela repórter do *Diário de Pernambuco*, Marcionila Teixeira, na sede no jornal em Recife. A entrevista integra este volume da Revista Latino-americana de Jornalismo - Âncora como parte do Projeto de Pesquisa "Laboratório de Pesquisa Sobre História, Profissionalização, Práticas e Identidades do Jornalismo" que é coordenado pela professora visitante Paula de Souza Paes (UFPB). O projeto foi desenvolvido dentro do Grupo de pesquisa Teorias e Metodologias da Produção Jornalística na Mídia Regional. O objetivo é produzir conhecimento



direcionado sobre as transformações das identidades do jornalista e das suas rotinas, criando uma base de dados sobre o jornalismo da região Nordeste. Disponibiliza-se aqui um material de pesquisa que pode ser explorado por pesquisadores interessados nos novos desafios que atravessam a prática jornalística, às estratégias plurais do emprego do audiovisual nas redes digitais e às iniciativas que buscam monetizar essas estratégias. Marcionila Teixeira é formada em jornalismo, a profissional atua no *Diário de Pernambuco* desde 1996, quando ingressou na editoria de Polícia. Atualmente, trabalha cobrindo temas relacionados a área

de direitos humanos. O setor, como ela mesma se refere, surgiu naturalmente "Costumo dizer que a gente foi quem lançou essa editoria. Não é bem uma editoria, mas um setor de Direitos Humanos. Porque existe educação, saúde, transporte, mobilidade, mas não existia um setor de direitos humanos. Pouco a pouco fui assumindo essa história sem ninguém dizer "ah, você vai assumir direitos humanos. Direitos humanos é Marcionila. Apesar de Direitos Humanos perpassar por todas essas áreas. Daí fui assumindo. Os outros jornais não têm setorista de Direitos Humanos e eu acabei me tornando setorista da área".

Palavras-chave | Produção audiovisual; Rotina; Experimentação; Apuração; Capacitação
Keywords | Audiovisual production; Routine; Experimentation; Investigation; Training

ENTREVISTA REALIZADA EM 17 DE JULHO DE 2019
APROVADA EM 17 DE JULHO DE 2020

¹ Mestre em Jornalismo pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba. Defendeu dissertação intitulada "VÍDEOS DO IMPRESSO: FORMATOS E ROTINAS PRODUTIVAS NO DIÁRIO DE PERNAMBUCO E JORNAL DO COMERCIO" disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/ppj/contents/arquivos/gil-aciolly-dantas-jacinto-texto.pdf/view>

Como é processo de produção do conteúdo audiovisual na sua rotina no impresso, desde a pauta à publicação?

Marcionila TEIXEIRA

Diário de Pernambuco | Brasil

É um processo muito prazeroso esse de trabalhar com a equipe de vídeo. Eu amo, simplesmente amo. Por mim todo o material que eu faço para o impresso também faria em vídeo. Mas não há tempo hábil, não há equipe suficiente para isso. Então a gente tenta priorizar. Acontece que eu e Jaíne (Jaíne Cintra – editora de multimídia do Diário de Pernambuco) se dá muito bem com as ideias. Então, sempre seguimos por um caminho, sem muitas discussões. Geralmente, ela apoia e aposta nas minhas pautas e incentiva a realizar a produção. Eu vou lá e faço, às vezes, nem como ela pediu ou como a gente conversou. Mas sai. As coisas vão fluindo porque é muito experimental. E acho que é assim. Jornalismo é um pouco assim. Um bom exemplo é esse projeto atual (refere-se às crônicas audiovisuais que passou a realizar sobre pessoas que são privadas de seus direitos humanos) que tem o objetivo de que eu conte minhas histórias, que conto no impresso, também em vídeo. Isso

Por mim todo o material que eu faço para o impresso também faria em vídeo. Mas não há tempo hábil, não há equipe suficiente para isso. Então a gente tenta priorizar.

Marcionila Teixeira
Diário de Pernambuco

está sendo maravilhoso, pois terminou que deu certo. Foi bem sofrido, porque eu não estava gostando do resultado da minha voz, da minha fala, não gostava da minha imagem, do áudio de quando lia meu texto, não estava curtindo nada daquilo, achava muito estranho. Depois de dois dias gravando no estúdio daqui do jornal mostrei o material para a Jaíne. Fui bem sincera com ela, disse que não iria dar certo.

Mostrei também para outros colegas. Achei que ficou péssimo. Não tinha *teleprompter*. Li o texto da tela do computador, sem olhar para a câmera. Parecia aqueles políticos que não olham para a câmera. Ficou bem esquisito. Entreguei o material e disse para ela tentar aproveitar alguma coisa. O resultado não foi nada do que eu imaginava. Não acreditei quando vi. Elas usaram meu áudio, sem me mostrar e momentos da minha fala improvisada contando a história de Tia, uma mulher que mora num túnel. Usaram essas falas e artes para complementar o material. Essa foi minha última experiência, que deu certo. E assim tem sido. Ao longo do tempo, a gente faz dezenas, centenas de vídeos para complementar o material. Eu fiz um material chamado Gaivotas da Rua Azul, que é a história de crianças da Favela do Papelão, que se estende pelo COC e Joana Bezerra. Elas não têm espaço de lazer e vivem andando e brincando no rio, correndo e saltando, correndo riscos, mas também ocupando a cidade, que é um direito total delas. O rio é o quintal

dessas crianças que não têm um campo de futebol. contei essas histórias. Cheguei da rua e conversei com Jaíne. Expliquei que encontrei essas crianças e que gostaria muito de contar essa história dos meninos da Rua Azul. Inicialmente, eu iria fazer uma geral com outro direcionamento, mas pensei

Às vezes a gente une as duas imagens (vídeos e fotos) e não sai meu áudio nessa história. Não sai minha fala. A gente complementa com fotos, com legendas, com as imagens em vídeo e com as entrevistas.

Marcionila Teixeira
Diário de Pernambuco

que a Rua Azul renderia. Como eles saltam e voam, resolvi chamar as gaivotas da Rua Azul. Jaíne achou ótimo, apostou e pediu para que a gente mostrasse os tipos de pulo. Ela sempre dá algumas ideias, a gente vai para a rua e faz. A gente às vezes vai com o apoio de gente do setor de multimídia que faz vídeos e também com o apoio de gente de fotografia, que também faz vídeos. Às vezes a gente une as duas imagens (vídeos e

fotos) e não sai meu áudio nessa história. Não sai minha fala. A gente complementa com fotos, com legendas, com as imagens em vídeo e com as entrevistas.



Você não se sente confortável em aparecer diante do vídeo nem em fazer locução?

Marcionila TEIXEIRA

Diário de Pernambuco | Brasil

Olhe, nunca me senti, mas estou, ando me sentindo confortável com essas novas experiências, pois estou gostando do resultado. Nesses vídeos que a gente grava aqui já é uma regrinha, mais ou menos uma regra instalada, de que a gente não precisa aparecer, pois é diferente das TVs. Nem sai as nossas vozes, nossas perguntas, nem os nossos rostos. Claro que exceções acontecem. Podem acontecer, mas de forma geral não é assim que a gente faz, para não ficar igual (ao da TV).



Que tipo de equipamentos você utiliza? Usa seu próprio celular, por exemplo? Ou as imagens são sempre feitas por profissionais de vídeo e fotografia?

Marcionila TEIXEIRA

Diário de Pernambuco | Brasil

Logo nos primórdios, quando começamos a produzir vídeos no Diário

237

de Pernambuco, utilizava celular. Mas há muito tempo que deixamos isso para trás. Cheguei a usar muitas vezes meu celular. Era muito capenga. Como

Logo nos primórdios, quando começamos a produzir vídeos no Diário de Pernambuco, utilizava celular. Mas há muito tempo que deixamos isso para trás.

Marcionila Teixeira
Diário de Pernambuco

estávamos iniciamos, valia, mas hoje em dia não. Agora, o pessoal do setor de redes sociais usa muito o celular *Iphone*. Eu não uso, pois não alimento as redes sociais. Já há uma equipe para isso. Quem é de redes já tem uma certa habilidade para isso. Tem um menino chamado Samuel Calado que é bem jovem, dessa nova geração, que vai para os eventos e faz as lives, posta nas redes. É bem interessante. Eu

repórter de impresso não utilizo o vídeo dessa maneira. É um outro estilo.



Você já recebeu alguma capacitação para trabalhar com o audiovisual?

Marcionila TEIXEIRA

Diário de Pernambuco | Brasil

Não. Gostaria de receber em relação às redes sociais.



Você já recebeu alguma capacitação para trabalhar com o audiovisual?

Marcionila TEIXEIRA

Diário de Pernambuco | Brasil

Eu acho uma união perfeita (a união de vídeo e texto). É tudo que a gente precisava para despertar a atenção desse pessoal mais jovem que não

Eu acho uma união perfeita (a união de vídeo e texto). É tudo que a gente precisava para despertar a atenção desse pessoal mais jovem que não tem o hábito da leitura e também dos mais velhos que não querem ler.

Marcionila Teixeira
Diário de Pernambuco

tem o hábito da leitura e também dos mais velhos que não querem ler. É uma forma de conquistar. Quando contamos uma história, queremos que os outros escutem. Se encontrarmos ferramentas para difundir essas histórias, para que elas sejam comunicadas, melhor ainda. O vídeo tem me ajudado para caramba. Eu acho incrível. Estou apaixonada pelo vídeo. A equipe (de vídeo do Diário de Pernambuco) é muito sensível. Acho eles incríveis.



Quando a pauta envolve vídeo, há alguma alteração no *dead-line*?

Marcionila TEIXEIRA

Diário de Pernambuco | Brasil

O *dead-line* é o mesmo. Eu comunico ao meu chefe, o editor, que estou produzindo o vídeo para a pauta. Aviso o que vou precisar fazer e acaba sendo integrado à minha pauta diária. Não faço extra por conta disso. Está dentro do meu horário de trabalho.



A produção de conteúdo audiovisual afeta o trabalho de apuração das informações?

Marcionila TEIXEIRA

Diário de Pernambuco | Brasil

Não, de forma alguma. Eu amo fazer vídeo. A gente complementa. Quando faço o vídeo, já fiz a entrevista todinha com a pessoa. Depois de

Quando faço o vídeo, já fiz a entrevista todinha com a pessoa. Depois de esgotar o assunto, de já estar bem informada, é que faço as três, quatro perguntas principais para o vídeo.

Marcionila Teixeira
Diário de Pernambuco

esgotar o assunto, de já estar bem informada, é que faço as três, quatro perguntas principais para o vídeo. Quando estou bem informada sobre aquele personagem, vou direto na veia dele para não perder muito tempo. Geralmente é assim. Para mim só acrescenta (a qualidade da informação com o conteúdo audiovisual).



Você participa da edição do material?

Marcionila TEIXEIRA

Diário de Pernambuco | Brasil

Infelizmente não. Meu sonho é esse. Já pedi várias vezes, mas ninguém me manda para lá.



Então você vê o material depois de ele ter sido finalizado?

Marcionila TEIXEIRA

Diário de Pernambuco | Brasil

Às vezes, me chamam para ver como está sendo construído. Dou alguns pitacos. Mas geralmente vejo no final. Eu amo ver o resultado.



Você então acha que o vídeo melhora a qualidade da informação?

Marcionila TEIXEIRA

Diário de Pernambuco | Brasil

Melhora sim, a depender do vídeo. Pelo menos em relação às minhas matérias, creio que o conteúdo audiovisual complementa a informação. Vamos pegar o exemplo das Gaivotas da Rua Azul. Claro que a gente tem as fotos dos meninos saltando, mas é muito melhor ver o menino falando, com aquela linguagem dele de menino, aquele dialeto: -“Ah, tia, a gente faz determinado pulo”. É muito mais legal você ouvir. A imagem em movimento conquista também, além das entrevistas. Teve uma experiência interessante. Fiz um material chamado Sob fogo cruzado, que inclusive está subindo para o hotsite (o material também circulou na edição impressa). Daí, fiz um vídeo contando a minha experiência de realização da matéria, falando de forma espontânea, fazendo um resumão. Mostrei o vídeo ao meu filho, de 18 anos, para saber o que ele achava do vídeo. Ele disse que gostou muito porque para quem tem preguiça de entender o vídeo, já escuta você contando a história. Não é como uma narração. Essa opinião de uma pessoa muito jovem, que faz parte de outra geração, foi bem importante para mim. Tem gente que tem preguiça de interpretar porque os vídeos têm uma linguagem diferente. Tem uma construção diferente. Não é tão simples. Às vezes tem pessoas que assiste e não entende porque como não tem um narrador, você vai interpretando as imagens, legendas, entrevistas. Ou seja, o vídeo é bem legal, mas pela fala do meu filho nem sempre é acessível. É assim que eu entendo.



Então você narra de forma natural, espontânea?

Marcionila TEIXEIRA

Diário de Pernambuco | Brasil

Totalmente espontânea. Mas também já tive experiências de narrar, como no caso de Tia (matéria sobre idosa que morava num túnel, no bairro de Boa Viagem, em Recife).



Que linguagem audiovisual você acha que atrai mais os leitores ou internautas?

Marcionila TEIXEIRA

Diário de Pernambuco | Brasil

Fiz um curso no qual foram apresentadas pesquisas que mostram que as pessoas estão cada vez mais assistindo a vídeos do *Youtube* em vez de assistir televisão. Elas algumas vezes ficam na frente da televisão, mas vendo vídeos pelo celular. Então acho que é isso que as pessoas querem. Devemos lançar mão dessas ferramentas com a mesma qualidade que trabalhamos para o impresso. Tem que se preocupar com a qualidade. Não é porque é vídeo que será superficial ou fraco. Não! O que a gente tenta é aperfeiçoar, complementar (as informações com o vídeo) ou mesmo deixar o vídeo independente.



Mas em relação à linguagem desse vídeo? Como vocês a definem. De quem parte a decisão de que formato o material será apresentado?

Marcionila TEIXEIRA

Diário de Pernambuco | Brasil

A gente conversa com Jaíne sempre para fechar, antes de fazer o vídeo. Eu posso fechar minha pauta. Antes, apresento ao meu editor. Ele decide se faço e em qual dia a matéria será publicada. Quando acho que rende vídeo, converso com Jaíne para saber se ela gosta da ideia. Geralmente ela gosta e libera alguém para fazer o vídeo. Levo também o fotógrafo. Quando não é possível ter alguém da equipe dela, desenrolo com o fotógrafo. E quando o fotógrafo não pode, vou com alguém de multimídia. Nessa conversa, ela dá o direcionamento. O fotógrafo também dá dicas. É um trabalho de equipe. Não tem sentido trabalhar com o vídeo sem ser em equipe. Cada um faz uma coisa. O vídeo de Tia é um grande exemplo. Eu não estava gostando. Disse para o pessoal que não prestava. Mas quando vi o resultado estava ouro, diante do que apresentei. Então é possível.

É um trabalho de equipe. Não tem sentido trabalhar com o vídeo sem ser em equipe.

Marcionila Teixeira
Diário de Pernambuco





Tem mais alguma coisa relevante que você gostaria de complementar, relacionada à produção audiovisual?

A gente é de uma geração que tem a sensação de que o papel é importante. Então estou feliz por descobrir o vídeo e tê-lo como aliado. Descobri que é possível continuar fazendo minhas matérias, nem que seja contando ou lendo no vídeo.

Marcionila Teixeira
Diário de Pernambuco

Marcionila TEIXEIRA

Diário de Pernambuco | Brasil

Francamente, eu como repórter de impresso ando entristecida com a falta de leitura, com a falta de acesso ao jornal, apesar do Diário estar nas redes, ser um dos mais lidos, mais curtidos. As pessoas comentam, criticam, elogiam, repercutem, mas e o papel? A gente é de uma geração que tem a sensação de que o papel é

importante. Então estou feliz por descobrir o vídeo e tê-lo como aliado. Descobri que é possível continuar fazendo minhas matérias, nem que seja contando ou lendo no vídeo. Isso me deixa feliz. Se conto uma história, faço uma denúncia ou trago a tona um caso que emociona, quero que alguém leia ou assista. Tenho 23 anos de profissão só aqui no Diário e descobrir esse caminho pelo vídeo para tocar as pessoas está sendo minha alegria.



Para citar esta entrevista: JACINTO, Gil Aciolly Dantas; PAES, Paula de Souza. As experimentações audiovisuais no Diário de Pernambuco. Entrevista com Marcionila Teixeira. **Revista Âncora**, v.7, n.2, p. 235 -242, 2020.

